

GT:09- Cartas Pedagógicas e Educação um convite ao diálogo

CARTA A PAULO FREIRE: O DESAFIO DA EVASÃO ESCOLAR E A ESPERANÇA EM TEMPOS MELHORES

Angela Maria Sara Neves Correia Lima 1,

Corumbá,MS 15 de novembro de 2025.

Querido Professor Paulo Freire,

Quero iniciar essa carta me apresentando e contando um pouco da minha história. Cresci estudando em escolas públicas, lugares cheios de memórias que até hoje me inspiram. Foi em meio a ambientes simples e professores apaixonados que aprendi o valor da educação.

Minha primeira formação superior não foi em licenciatura, sou formada em administração. Iniciei meus estudos na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Instituição na qual hoje, com muito orgulho, curso meu mestrado. No entanto, por circunstâncias da vida, precisei me mudar para o Rio de Janeiro, onde concluí a graduação.

Quando retornei à minha terra natal, surgiu a oportunidade de atuar como professora nos cursos técnicos em administração da Rede Estadual de Educação. Fui aprovada no processo seletivo, e comecei a lecionar no ensino médio. Logo percebi alguns desafios que se apresentam no ambiente escolar.

Lembro-me com muito carinho de uma passagem muito marcante - uma verdadeira virada de chave em minha vida. Lecionava e atuava como coordenadora de curso, quando em um determinado ano, me deparei com algumas turmas com diversas dificuldades, tais como: indisciplina, faltas excessivas e uma desmotivação que muito me preocupava. Um aluno específico, me exigia muita atenção, frequentemente levado à coordenação. Eu insistia, conversava, buscava entender o motivo pelo qual agia daquela maneira, as fugas, as faltas, a falta de atenção. Até que um dia, resolveu se abrir e me contou que estava se sentindo perdido e abalado, que o pai havia abandonado a família. Conversamos bastante, disse a ele que em vez de causar preocupações à sua mãe - que sempre precisava deixar o trabalho para atender aos meus chamados - ,poderia ser um apoio para ela. Reforcei o quanto ele era inteligente e que com esforço, poderia dar muito orgulho à sua família. Assim, se comprometeu a melhorar, começou a frequentar as aulas regularmente,

estudava também no contraturno, ficava as tardes na biblioteca. O tempo passou, e ao chegar ao terceiro ano do ensino médio, consegui alguns livros preparatórios para o vestibular, distribuí entre as turmas. Ele estudou e se dedicou. Até que em uma noite, recebi uma chamada: " Professora, professora! A senhora não vai acreditar!". Já com o coração acelerado, perguntei o que havia acontecido – Me respondeu: " Passei no vestibular! Vou estudar Engenharia Civil na UFMS ". Naquele momento, senti uma alegria imensa, talvez uma das maiores da minha vida. No dia seguinte, em frente à escola, me abraçou e disse: " Obrigada, professora, por não ter desistido de mim! Chorei muito. Era uma mistura de felicidade, alívio e uma sensação de missão cumprida. Decidi: Era na educação que eu queria estar, fiz a minha licenciatura, prestei concurso, passei, tomei posse. Desde então, tenho me dedicado para ser uma boa profissional. Recebi um convite para atuar na Coordenadoria Regional de Educação, participei de um outro processo para trabalhar como técnica e assessora pedagógica, hoje atuo em uma função que integra educação e gestão.

Mas, acima de tudo sou Educadora - e isso é o que realmente amo. Acredito na força transformadora da educação, com a certeza de que podemos mudar vidas por meio dela.

Professor, mas em tempos tão difíceis para nossa rede pública. Me pego pensando no quanto seu legado e suas palavras permanecem vivos. O contexto de nossas escolas apresenta muito mais do que problemas no processo de ensino aprendizagem, o que encontramos hoje são desafios sociais, estruturais e principalmente emocionais, são dores silenciosas. Estudantes que se desmotivam, trajetórias interrompidas, sonhos deixados de lado. O problema da evasão escolar, é que ele não pode ser visto apenas como um dado estatístico, precisamos enxergar mais a fundo o vazio que tem causado, a ausência de vozes que deixam de ecoar nas salas de aula, nos pátios, nos corredores e em todos os cantos de nossas instituições.

O senhor nos ensinou que, "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (FREIRE,2013,p.69), e então Paulo, é justamente essa troca, essa comunhão que está sendo ameaçada pela evasão escolar. Enquanto professora, penso muito que quando um aluno se distancia da escola, é como se uma parte de nós profissionais, também se perdesse. Me surge uma reflexão: mais do que exigir e fiscalizar a presença, precisamos aprender a presenciar, procurando estar de verdade com eles, promovendo a escuta ativa, buscando compreender as realidades que os afastam, suas problemáticas e principalmente motivando-os para que a esperança permaneça viva.

Melo (2022, p.6) apresenta uma visão do processo de humanização, dizendo que o conhecimento é essencialmente humano, e quando o jovem não adquire essa experiência escolar, o mesmo não completa seu processo de humanização. Assim, a evasão escolar -

termo que define o processo em que o aluno deixa de estar na escola - inibe esse desenvolvimento da humanização.

O que me promove à memória de que o senhor também tratou desse tema dizendo que, “se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a ‘educação bancária’ pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação.” (FREIRE,2013,p.63).

Tenho aprendido, com a prática e com a escuta atenta, que busco realizar em todos os meios educacionais pelos quais transito, que o enfrentamento da evasão e de outros problemas educacionais, não se faz apenas com projetos, relatórios, dados e levantamentos, mas com vínculo e diálogo. Esse é um ensinamento que também li em seus escritos: “Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo.” (FREIRE,2013, p.69).

Esse diálogo, que entendo tão necessário nos dias de atuais, em uma das aulas do professor Alexandre Cougo, da disciplina Fundamentos Históricos da Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus do Pantanal/UFMS, fiz um comentário, “o quanto poderíamos construir uma educação diferente, se nos colocássemos a ouvir mais o outro”, foi um movimento muito construtivo, alguns colegas realizavam a leitura de seus relatos de escolarização, e surgiram, sentimentos, emoções e situações que me levaram a pensar nisso, e venho trazendo ainda mais essa inquietação em meu interior, quero ouvir mais, dialogar mais. Vivemos inúmeras problemáticas, que talvez em momentos como esses consigamos conduzi-las melhor e quem sabe até solucioná-las.

Diálogo esse, que nos permite relatar nosso mundo, meu mundo que também pode ser o mundo do outro, tantos mundos em um só, é uma construção, uma elevação, e mais uma vez, lendo e buscando entendê-lo, professor. “Encontram-se e reencontram-se todos no mesmo mundo comum e, da coincidência das intenções que o objetivam, exsurge a comunicação, o diálogo que critica e promove os participantes do círculo. Assim, juntos, recriam criticamente o seu mundo: o que antes os absorvia, agora podem ver ao revés.” (FREIRE,2013,p.10).

Professor, o senhor falava da necessidade de “ler o mundo”:

Ao ir escrevendo este texto, ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. (FREIRE,1989,p.9).

Hoje ao ler o mundo de nossos alunos, me deparo com histórias marcadas por desigualdades, violências, desafios, mas vejo também, muita resiliência, resistência e afeto. No Brasil, embora a entrada na educação básica possa ser considerada universal, apenas alguns alunos a concluem, e ainda menos o fazem com desempenho adequado. (XAVIER, 2024, p.4).

O tema que me levou à investigação científica, está relacionado com a forma como enxergamos essas desigualdades, e os instrumentos que podem nos auxiliar a percebê-las. Assim, tenho pesquisado as avaliações externas como instrumento de gestão educacional, buscando uma educação mais justa e equitativa. Hoffmann (2025, p.6) diz que: .

A avaliação é substancialmente reflexão, capacidade única e exclusiva do ser humano, de pensar sobre seus atos, de analisá-los, julgá-los, interagindo com o mundo e com os outros seres, influenciando e sofrendo influências pelo seu pensar e agir. Não há tomada de consciência que não influencie a ação. Uma avaliação reflexiva auxilia a transformação da realidade avaliada.

Luckesi (2010, p.95) fala sobre o uso da avaliação, ele reforça que a aferição do aproveitamento escolar seja praticada como uma atribuição de qualidade aos resultados da aprendizagem dos educandos, e tendo como objetivo, uma tomada de decisão que oriente o aprendizado e, conseqüentemente, o desenvolvimento do estudante. O autor reforça ainda que, precisamos fugir dos aspectos classificatórios.

Dias Sobrinho (2003) também destaca que há um equívoco ao atrelar o resultado da avaliação e da regulação como sendo uma mesma prática, transformando a avaliação em uma forma de controle e mensuração. Isso ocorre porque existe, tanto na opinião pública, setores gerenciais e até acadêmicos, a ideia de que a mesma serve como um instrumento de controle, ranqueamento e regulação. E essas observações nos convidam a pensar a avaliação de forma ética, equilibrada e justa, buscando fortalecer a política de permanência, não a de exclusão.

Paulo, escrevo-lhe , para reafirmar que meu compromisso é com um ambiente escolar que acolha, acompanhe e transforme. Será que somos capazes de construir esse movimento ? Como realmente superar esse desafio da evasão ? Nosso maior obstáculo, é o de ressignificar o nosso fazer pedagógico, diagnosticando, entendendo e construindo. Luckesi (2010, p. 171) destaca que a avaliação é um ato amoroso, aquele que acolhe a situação, na sua verdade (como ela é). Assim, manifesta-se o ato amoroso consigo mesmo e com os outros.

Ensinar com rigor e ternura é entender que permanência não se constrói somente com a matrícula ativa, mas com vínculos vivos. Transformando cada presença em oportunidade de devolver sentido às nossas escolas.

Seguimos, Professor, acreditando que “a educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem” (FREIRE,2013,p.127). Esperançando , mesmo em ambientes tão desafiadores. Afinal, o papel do educador é o de não desistir das pessoas. Por isso que essa luta contra a evasão e a defesa de uma gestão que analise e entenda os diferentes contextos ,utilizando as avaliações como ponto de partida e não como ponto final, é, na verdade, acima de tudo um ato de esperança.

Palavras-chave: Evasão escolar. Esperança. Diálogo.

Referências:

DIAS SOBRINHO, J. Avaliação da educação superior, regulação e emancipação. In: DIAS SOBRINHO, J.; RISTOFF, D. I. (Org.). Avaliação e compromisso público. Florianópolis: Insular, 2003. p. 35-52.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**, 23. ed., São Paulo, Cortez,1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido (recurso eletrônico)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. ePub. ISBN 978-85-7753-228-5.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para Promover: As Setas do Caminho**, 18. ed. Porto Alegre,Mediação, 2025.

LUCKESI, Carlo Cipriano. Avaliação da aprendizagem escolar, 21. ed. São Paulo, Cortez 2010.

MELO,K.G. Evasão escolar e a desumanização: um estudo à luz do pensamento de Paulo Freire, São Paulo,2022, Alef Peretz, Paraisópolis.

XAVIER, F. P.; ALVES, M. T. G.;PETRUS, J. S. R.Qualidade da oferta educacional e desigualdades de aprendizado no ensino fundamental brasileiro. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 40, e 47486, 2024. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/0102-469847486> > Acesso em : 13 nov. 2025.